

Ocupação Saraí: Dois anos de resistência pela moradia¹

Camila Ferreira de OLIVEIRA²

Ângela Ravazzolo³

Escola Superior de Propaganda e Marketing, Porto Alegre, RS

RESUMO

O presente trabalho apresenta o objetivo, os processos de produção e os bastidores da reportagem “Dois anos de resistência pela moradia”, publicada no jornal Blog de Papel: Caminhos do Centro, produzido por alunos de 4º e 5º semestre da ESPM-Sul. A reportagem conta a história da Ocupação Saraí, de seus moradores e dos trâmites que envolvem a desapropriação do prédio, que já foi utilizado pela facção criminosa Primeiro Comando da Capital (PCC) para cavar um túnel na tentativa de assaltar bancos do bairro. Um trabalho exaustivo de apuração e entrevistas em profundidade são os condutores da reportagem, que visa ampliar a discussão sobre direito à moradia e o futuro de quem não tem um lar definitivo.

PALAVRAS-CHAVE: Saraí; Porto Alegre; Blog de Papel; ocupação; direitos humanos.

INTRODUÇÃO

Embora desde 1888 a Constituição Federal garanta que todos indivíduos têm direito a moradia, no Brasil, cerca de 50 mil pessoas (BRASIL, 2008) vivem em situação rua e 11,4 milhões vivem em moradias irregulares (IBGE, 2010). Por outro lado, não é raro que metrópoles como Porto Alegre, no Rio Grande do Sul, mantenham prédios desocupados para especulação imobiliária e sem cumprir nenhuma função social.

Frente a essa problemática, a reportagem “Dois anos de resistência pela moradia”, publicada no Blog de Papel: Caminhos do Centro, se propõe a contar a história da Ocupação Saraí, que, localizada no centro de Porto Alegre, abriga famílias que não têm um lar definitivo. Construído na década de 1990 com fundos do Banco Nacional de Habitação, o prédio de sete andares deveria ser utilizado como moradia social e abrigar até 50 famílias, porém nunca cumpriu tal função.

¹ Trabalho submetido ao XXIII Prêmio Expocom 2016, na Categoria Jornalismo, modalidade JO 08 Reportagem em Jornalismo impresso (avulso).

² Aluno líder do grupo e estudante do 5º Semestre do Curso de jornalismo da ESPM-Sul, email: camilaa_o@hotmail.com.

³ Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Jornalismo da Escola Superior de Propaganda e Marketing, de Porto Alegre, RS, email: aravazzolo@espm.br

No início dos anos 2000, ele foi utilizado como escritório da Caixa Econômica Federal e, em seguida, passou a ser propriedade privada, pois foi comprado pela Risa Empreendimentos Imobiliários LTDA. Em 2005, houve a primeira ocupação do prédio, que nunca havia sido utilizado pela Risa e, no ano seguinte, o local passou às mãos do Primeiro Comando da Capital (PCC). Os membros dessa facção criminosa utilizavam o prédio para cavar um túnel que chegasse aos cofres dos bancos Banrisul e Caixa Econômica Federal, localizados no mesmo bairro. Após a polícia prender os criminosos em flagrante e desarticular a tentativa de assalto, o local voltou a ser propriedade da Risa. Desde então, mais de 50 famílias já passaram pela Saraí em ocupações irregulares e, em 2014, o prédio foi considerado como bem de interesse social para fins de desapropriação.

Contar a história do prédio e das pessoas que moram na ocupação foi o objetivo fundamental da reportagem, que foi publicada na 4ª edição do jornal impresso Blog de Papel, produzido por alunos de 4º e 5º semestre do curso de jornalismo da ESPM-Sul. Cada edição do jornal tem uma temática que serve como um elo para todas as pautas, sendo que esse gancho é escolhido através de sugestões dadas pelos alunos que, posteriormente, elegem o tema por meio de votação. Nessa última edição, “Os caminhos do Centro” de Porto Alegre foram escolhidos para preencher as 20 páginas do impresso.

Em meio às pautas sobre pontos turísticos do bairro, estrangeiros do Mercado Público, artistas de rua e banheiros públicos, abordar sobre direitos garantidos pela Constituição Federal e pela Declaração Universal dos Direitos Humanos foi imprescindível para manter o cunho social da publicação e também defender o papel do jornalista como aliado do interesse público. Embora o centro da cidade, historicamente, seja um espaço plural e ao alcance da população, na publicação, o repórter, conforme Nilson Lage (2011), cumpre a função de agente inteligente.

Ou seja, ele esteve onde o leitor, ouvinte ou espectador não pôde estar e teve, então, a missão de transmitir para esse público, por meio de ouvidos e olhos atentos, tudo o que possa ser interessante para a compreensão do fato. Ainda segundo o autor, o repórter, além de traduzir, deve confrontar as diferentes perspectivas, selecionar fatos e versões que permitam ao leitor orientar-se diante da realidade. Foi a partir dessas premissas, intrínsecas ao jornalismo, que a pauta foi construída.

OBJETIVO

Diante da problemática que envolve os vazios urbanos, o direito à moradia, a função social da propriedade e a ausência dessa discussão nos veículos tradicionais, a presente reportagem se dedicou a imergir e traduzir, com fidelidade, as histórias dos moradores da Saraí. Por meio de entrevistas em profundidade, o objetivo foi contar os motivos pelos quais aquelas pessoas foram morar lá, explicar como é o cotidiano do prédio, o que é preciso para ir morar na Saraí e quem são os personagens daquela história. Conforme Lage:

O objetivo da entrevista, aí, não é um tema particular ou um acontecimento específico, mas a figura do entrevistado, a representação de um mundo que ele constrói, uma atividade que desenvolve ou um viés da sua maneira de ser, geralmente relacionada com outros aspectos da sua vida. (LAGE, 2011, p 75)

Para retratar com veracidade a situação da ocupação, além de conversar com os moradores, também foi preciso conversar com fontes oficiais, como a Secretaria de Saneamento, Obras e Habitação do Governo do Estado e a Defensoria Pública do Estado – que trouxeram suas versões sobre a possibilidade ou não de o prédio ser desapropriado –, membros do Movimento Nacional de Luta pela Moradia (MNLN), arquitetos e advogados – que colaboraram contando a história do local, apontando alternativas à desapropriação e, também, defendendo o interesse do proprietário do prédio em não comentar o caso. No total da apuração, foram feitas mais de dez entrevistas em profundidade, sendo que nem todas entraram na matéria. A quantidade de entrevistas, porém, se faz necessária, segundo Leandro Fortes (2007), para obter o maior número possível de informações, contrapontos, críticas, pistas e, sobretudo, contradições dentro da apuração.

A apuração e produção em profundidade visou dar voz e visibilidade aos moradores que, costumeiramente, são tratados como um problema e um entrave aos interesses privados. A profundidade e os detalhes, nesse caso, servem como um recurso importante para sensibilizar o leitor e ampliar uma discussão sobre o direito à moradia e o futuro de quem não tem um lar definitivo.

JUSTIFICATIVA

Conforme o Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros, aprovado pela Federação Nacional de Jornalistas (FENAJ), é dever do profissional:

Defender os direitos do cidadão, contribuindo para a promoção das garantias individuais e coletivas, em especial as das crianças, dos adolescentes, das mulheres, dos idosos, dos negros e das minorias. (FENAJ, 2007, art. 6)

Portanto, sendo a moradia um direito garantido pela Declaração Universal dos Direitos Humanos e pela Constituição Federal e pessoas sem teto um tipo de minoria, cabe ao repórter investigar e denunciar quando esses direitos não são efetivamente promovidos. O interesse coletivo, a ética humana e a preservação da democracia, conforme Fortes (2007), são premissas inerentes para a elaboração de uma reportagem investigativa como essa.

Outro critério fundamental para justificar a importância da pauta é o valor-notícia proximidade, defendido por Nelson Traquina (2005). Embora a falta de moradia adequada seja um problema estrutural e de abrangência nacional, a Ocupação Saraí tem um fator agravante que fez a população porto-alegrense, público-alvo do Blog de Papel, se unir à luta daquelas famílias.

Em 2014, o prédio foi declarado como bem de interesse social para fins de desapropriação e inserido nas políticas de habitação social do governo do Estado. A medida tomada foi motivo de alívio para as famílias da ocupação, que acreditavam ter um teto definitivo. Porém, com a mudança de governador, em 2015, a desapropriação voltou a ser incerta, pois o atual governo diz que não há dinheiro para fazer a compra e reforma do prédio. O imóvel é avaliado pelo Estado em R\$ 3 milhões, porém, o proprietário só aceita vender por R\$ 4,5 milhões. O total da compra e reforma sairia por cerca de R\$ 13 milhões. Esse valor, segundo o Diretor de Habitação da Secretaria de Saneamento, Obras e Habitação do Governo do Estado, Eduardo Fiorin, ultrapassa em sete vezes o que é destinado a uma unidade de moradia popular.

Por outro lado, o Centro de Desenvolvimento Econômico e Social (CDES), ONG que está desenvolvendo propostas de desapropriação e reforma do prédio, defende que, se o governo desapropriasse o local e os moradores, através do MNLN, tentassem acessar o

programa Minha Casa, Minha Vida Entidades para pagar a obra, o custo da reforma sairia em torno de R\$ 3,5 milhões. O decreto emitido em 2014 tem validade até julho de 2016.

Fechar todas as pontas dessa história é um desafio e uma obrigação do jornalista, que, como agente inteligente deve transmitir os fatos à população de forma objetiva e clara. Além disso, foi preciso incluir na matéria detalhes que mostrassem que o repórter não prestou atenção somente no que foi dito, mas também em como foi dito e qual o impacto do que foi dito.

MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

Para que fosse possível tratar de um assunto tão delicado – e ainda sem desfecho – de uma forma atraente e tangível ao leitor, o trabalho de apuração e entrevistas foi incansável e exaustivo. Antes mesmo de fazer o primeiro contato com as fontes, o repórter estudou a história da ocupação e fez uma apuração detalhada sobre reportagens e documentações que já haviam sido produzidas a respeito do local.

Esse processo foi importante não só para preparar o repórter para os primeiros contatos com as fontes, bem como para dar à pauta uma abordagem diferenciada e exclusiva. Em meio a tantos enfoques possíveis, foi escolhido dar prioridade ao cotidiano dos moradores, contando suas histórias e dificuldades. Essa escolha se justifica porque um dos objetivos da matéria era sensibilizar o leitor e ampliar a discussão sobre a moradia. Portanto, investir em boas histórias foi um recurso para que o leitor se despidesse de preconceitos e tentasse entender e entrar no mundo do outro.

Construir abertura para que os interlocutores se sentissem confortáveis para dizer aquilo que hesitariam em um bate-pronto a qualquer um também foi um desafio. Criar essa intimidade foi fundamental para que a reportagem tivesse profundidade e fosse rica em detalhes sobre o cotidiano dos moradores. Para isso, foram necessárias repetidas visitas à ocupação e, a cada encontro com os moradores, uma nova entrevista para sanar as inúmeras novas dúvidas que surgiam.

Lage defende que é preciso construir um tom de conversa em que o encontro não se limite às perguntas do repórter, mas que se permita o aprofundamento e o detalhamento dos

pontos abordados. Porém, entrar na casa do entrevistado, olhar no olho e questioná-lo em profundidade não basta. Luíz Cláudio Cunha diz:

É preciso, antes, um olhar firme, seguro, confiante, de quem sabe o que está fazendo. O bom trabalho, que não é rápido, nem fácil, demanda preparo, estudo, leitura, conhecimento prévio do tema a ser tratado e do sujeito entrevistado. O bom jornalismo exige uma humildade quase socrática do bom repórter. (CUNHA, 2012, p 57)

DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

A produção das reportagens do Blog de Papel é feita durante todo o semestre da cadeira de Produção e Edição em Jornal Impresso I. Logo nas primeiras aulas, são promovidas discussões sobre qual a linguagem, o formato, o projeto gráfico e a temática que os alunos desejam para a publicação. A partir deste momento, os alunos são os protagonistas. Eles são os responsáveis por toda a produção do jornal.

O professor, durante esse processo, atua como um orientador. Ele é quem sugere quais são os melhores caminhos a serem seguidos, indica quais as falhas na reportagem e aponta alternativas para os problemas que os alunos creem não ter solução. Ao contrário de uma redação tradicional, onde, em função do tempo, o editor acaba alterando o texto do repórter, na sala de aula o repórter é quem edita o próprio texto.

Com a temática do jornal definida, cada repórter passa a apurar a sua matéria e, semanalmente, compartilha com a equipe os avanços e entraves. O surgimento dessa pauta sobre a Ocupação Saraf se deu a partir do momento em que a discussão sobre o futuro daquelas famílias perdia força na cidade e o prazo para a desapropriação do prédio ficava cada vez mais curto.

Além disso, no momento em que os alunos decidem tratar sobre o centro da cidade, como já dito antes, um lugar bastante democrático e plural, foi indispensável ter uma pauta sobre moradia na publicação. Hoje, o centro de Porto Alegre é um dos bairros com o metro quadrado mais valorizado da cidade, em função da facilidade para locomoção, acesso a serviços, eventos culturais e também por sua história. Ter famílias de baixa renda ocupando um espaço numa das principais avenidas do bairro e com vista privilegiada para dois cartões-postais da cidade, o Cais Mauá e o Rio Guaíba, por si só já é uma história interessante.

Para dar início ao processo de entrevistas, a repórter optou por fazer contato com o coordenador regional do MNLM, Ezequiel da Silva, que já havia morado na Saraí e atua politicamente na defesa da desapropriação. A partir desse contato, foi marcada a primeira visita ao prédio, para conhecer a história do local e fazer um contato inicial com os moradores.

Cada visita à ocupação era motivo de incerteza. Mesmo que a repórter tivesse os telefones das fontes e deixasse agendados os próximos encontros, chegar ao prédio e entrar era um desafio. A estrutura do local é precária, não há campanha no edifício e, nem sempre, os moradores atendiam às ligações. Portanto, era preciso gritar na rua pelo nome dos moradores ou explicar toda a situação para o primeiro morador que aparecesse. Por vezes, aqueles que não conheciam a repórter sentiam-se amedrontados em deixar uma estranha entrar na sua casa. Contudo, com o aumento da frequência das visitas, os moradores e a repórter foram criando um vínculo, e os encontros foram ficando mais serenos. A orientação do professor, em momentos como esse, foi importante para definir em quais momentos era necessário esmiuçar as informações e dar detalhes e em quais era preciso ter um texto mais objetivo.

Ainda sobre a produção do jornal, é preciso destacar que, exceto a impressão, que foi realizada fora da faculdade, todas as etapas que compuseram o fechamento da publicação foram feitas pelos alunos. Então, em pareceria com as disciplinas de Projeto Gráfico e Fotojornalismo I, além de apurarem, entrevistarem, escreverem e editarem as próprias reportagens, os alunos também foram responsáveis pela diagramação de suas páginas e fotografias de suas matérias.

Em um período no qual o mercado exige cada vez mais habilidades dos jornalistas, a faculdade foi um espaço no qual os alunos puderam assumir diferentes papéis e aprender através dos erros e acertos. Essa interdisciplinaridade, portanto, foi um ponto importante para que a publicação tivesse o estilo dos alunos e sáisse como eles haviam planejado em sala de aula.

CONSIDERAÇÕES

A vontade de conhecer e contar boas e surpreendentes histórias são princípios que movem os repórteres para a próxima pauta. A partir de uma apuração bem-feita e de entrevistas em profundidade, o jornalista deixa de lado o famoso papel de generalista e passa a ser um especialista naquela história. Para que essa fórmula dê certo, é preciso se entregar e fazer parte da história que se quer contar. Durante um semestre, foi isso que a reportagem “Dois anos de resistência pela moradia” trouxe de ensinamentos.

Vivenciar na pele todos os conceitos aprendidos em sala de aula, que, muitas vezes, se parecem distantes e até romanceados, faz valer a pena todos os paradigmas e dificuldades enfrentados no cotidiano da profissão. Descobrir cada vez mais coisas sobre uma história, ser curioso à exaustão e não ter vergonha de perguntar ajudaram a contar a história da Ocupação Sarai com início, meio e fim - mesmo que ainda não haja um desfecho real para o caso.

Fazer uma reportagem como essa, denunciando um problema estrutural, mesmo que de forma local, foi uma experiência do que é fazer jornalístico. Em uma pauta que mistura comportamento, direitos humanos e trâmites políticos, foi um desafio saber dosar qual o momento certo de abordar cada aspecto, manter o fôlego para correr atrás de fontes que pareciam inalcançáveis, checar novamente as informações todas as vezes que elas não fechavam, terminar a matéria dentro do limite de caracteres e, também, deixar de fora entrevistas. Além de um desafio, foi motivo de orgulho conseguir concluir tudo isso sem esquecer dos ensinamentos do papa do novo jornalismo, Gay Talese (CUNHA, 2012), de que nenhum prodígio tecnológico supera o contato visual, a sensação epidérmica do repórter com a sua fonte.

Nada disso seria possível, portanto, sem entrega, sem a tentativa de colocar-se no lugar do outro. No fazer jornalismo, por meio do contato com o outro, se aprende que é impossível narrar verdades sem se colocar em perspectiva, sem dar voz ao outro e, como defende Eliane Brum, “sem aprender a e se esvaziar de si para se preencher pelo outro”:

Acho que o movimento do repórter é uma tentativa de se esvaziar o máximo possível, mesmo que, obviamente, a gente nunca consiga se esvaziar completamente. Mas se esvaziar dos nossos preconceitos, das nossas visões de mundo, do nosso julgamento. A gente sempre tem que lembrar que jornalista não é juiz. E se deixar possuir pela história do

outro. Ser preenchida pela história do outros. Se tu vais cheia, não tem como ser preenchida. (VIEIRA, 2012, p. 141)

Apesar da atratividade e da facilidade de uma reportagem elaborada com o auxílio do computador (RAC), mesmo com os inúmeros recursos virtuais de busca e os releases prontos e completos enviados pelas assessorias, uma boa reportagem precisa ser feita fora da redação. Para o repórter cumprir o papel de agente inteligente e entregar ao leitor uma reportagem de qualidade, ele precisa sentir o cheiro da rua, olhar no olho das fontes e deixar-se emocionar pela história que quer contar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL, Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. **Pesquisa nacional sobre a população em situação de rua**. Brasília, 2008. In: Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa, Departamento de Apoio à Gestão Participativa. Saúde da população em situação de rua : um direito humano –Brasília, 2014. Disponível em: <http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/saude_populacao_situacao_rua.pdf>
Acesso em: 19 de abril de 2016.

CUNHA, L. C. **A entrevista: 1 fundamento, 2 perguntas e 3 condições**. In: MARROCO, B. Entrevista na prática jornalística e na pesquisa. Porto Alegre: Libretos, 2012.

FORTES, L. **Jornalismo Investigativo** – 1ª ed., 2ª reimpressão, São Paulo: Contexto, 2010.

FENAJ, Federação Nacional de Jornalistas. **Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros**, 2007. Disponível em: <http://www.fenaj.org.br/federacao/cometica/codigo_de_etica_dos_jornalistas_brasileiros.pdf>
Acesso em: 17 de abril de 2016.

IBGE, Censo Demográfico 2010 – Aglomerados Subnormais, primeiros resultados. Rio de Janeiro: 2011. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/imprensa/ppts/00000006960012162011001721999177.pdf>> Acesso em 19 de abril de 2016.

LAGE, N. **A reportagem: teoria, técnica de entrevista e pesquisa jornalística**. – 9ª ed. - Rio de Janeiro: Record, 2011.

TRAQUINA, N. **Teorias do Jornalismo**. A tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional. 2ª ed., Florianópolis: Insular, 2008.

VIEIRA, K. M.; VEIGA, M. e FURTADO, T. **As narrativas de si e o modo de operar na construção das práticas jornalísticas por jornalistas**. In: MARROCO, Beatriz. Entrevista na prática jornalística e na pesquisa. Porto Alegre: Libretos, 2012.